

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
Campus Avançado de Santo Amaro

As crenças populares do interior da Bahia presentes em
Memorial do inferno

Santo Amaro – Bahia
Agosto/2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
Campus Avançado de Santo Amaro

As crenças populares do interior da Bahia presentes em
Memorial do inferno

Por:

Aline Vitória Sousa
Tatiana Marques dos Santos

Trabalho sobre as crenças populares do interior da Bahia
presentes em *Memorial do inferno*
para a disciplina de Literatura Brasileira V
do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas
sob orientação do professor Anchieta Nery.

Santo Amaro
Agosto / 2006

As crenças populares do interior da Bahia presentes em *Memorial do inferno*

O livro escolhido para análise foi *Memorial do inferno – a saga da família Almeida no jardim do Éden*, de Valdeck Almeida de Jesus. Trata-se de uma autobiografia contada sem ordem cronológica, sendo narrados episódios distintos da vida do autor, fazendo jus ao título *memorial*. O autor narra os fatos mais marcantes de sua vida desde o nascimento até o ano de concepção do livro.

Baiano de Jequié, Valdeck venceu na vida à custa de muito sacrifício, perseverança e força de vontade. Adolescente, já escrevia poemas, mas somente aos quarenta anos lançou seu primeiro livro de poesias: *Feitiço contra o feiticeiro*, depois de ter participação em diversos livros (antologias) publicados no Brasil e nos Estados Unidos.

O livro conta, sem pieguices, a história da sua família e de tantas outras pessoas que, como eles, precisaram pedir esmolas para se alimentarem, ou buscarem no lixo restos de alimentos, às vezes estragados, para saciar a fome que os consumia. História triste, mas cheia de fatos engraçados e curiosos de pessoas que retratam a alma do povo brasileiro, um povo que consegue rir mesmo em meio ao sofrimento

No entanto, o que mais nos chamou a atenção durante a leitura deste livro foram as crenças populares do interior da Bahia. Umas desprovidas de qualquer lógica ou sentido, outras mais relevantes.

Delineado o contexto da produção do livro e da escolha do tema do presente trabalho, passemos ao corpus do mesmo.

Como nascem as crenças populares? Do inconsciente coletivo? De “boatos”?

De ambas as coisas, se levarmos em conta o nível cultural de certas sociedades. Certas crenças não se enraízam em civilizações desenvolvidas, ditas mais “avançadas” pelo fato de as mesmas terem maior acesso ao conhecimento e/ou já ter experimentado cientificamente certos fatos de origem duvidosa. Em seu livro *O mito da liberdade*, Burrhus Sskinner, até os costumes evoluem. Para ele, “ uma cultura não é o produto de uma ‘mente coletiva’ ou a expressão de um ‘desejo geral’. Nenhuma sociedade se inicia com um contrato social, nenhum sistema econômico com a idéia de trocas ou salários, nenhuma estrutura familiar com a compreensão das vantagens da coabitação. Uma cultura evolui quando novos costumes favorecem a sobrevivência daqueles que a fazem”.

Podemos concluir, portanto, que a ignorância, a falta de conhecimento deste ou daquele fato, leva o homem a buscar nele mesmo, respostas para as suas dúvidas. A exemplo, citemos o caso exposto na página 33 do livro: “Uma das pérolas do folclore popular, alimentada pela ignorância das pessoas, era a de que existia um ‘pegador de menino’ e/ou ‘tirador de sangue’. (...) Os homens da SUCAM, empresa governamental que realiza exames de sangue e também investiga se há focos de dengue nas residências, podem ter sido mal compreendidos pela população e acabaram tomando os nome de pegadores de menino e tiradores de sangue”.

No entanto, em certos casos podemos crer que há o inconsciente coletivo colaborando para que uma “verdade” se instale em determinada região. Para que esclareçamos a questão, poderemos citar um exemplo retirado do livro (p.29): quando há uma forte ventania, as pessoas em suas casas, temendo que um vendaval varra tudo da superfície da terra, dizem: “aqui tem Maria Virgem” fazendo assim, alusão à mãe de Jesus. Desde tempos mais remotos o homem acredita que as forças da natureza possuíam origens divinas. Caso ocorresse alguma catástrofe, o motivo foi castigo divino imposto aos reles mortais. Hoje, com o desenvolvimento científico e tecnológico, sabemos como e porquê certos fenômenos da natureza acontecem, mas ainda há pessoas que não têm acesso à essas informações e por isso buscam suas próprias explicações — geralmente de cunho religioso — para tais fenômenos. Quando se diz “aqui tem Maria Virgem”, se quer dizer que ali habita uma divindade e que por conseguinte, aquela casa não pode ser atingida.

Outros exemplos do livros são exemplos de como boatos sem fundamentos são lançados e aceitos por uma boa parte da população, sem que tenha disposição de averiguar o teor de verdade contida em tal revelação. Um deles era o boato sobre os “pegadores de criança” e “tiradores de sangue”.

A crença num provável fim do mundo é bem primitiva em relação aos dias atuais, em que temos conhecimento do histórico do nosso planeta no sistema solar. No entanto, um boato sobre o *fim do mundo* ou *dia da escuridão* se espalhou rapidamente naquele lugarejo (Jequié – BA), (p.28). Isso reforça a teoria de que a ignorância e o medo da morte levem os indivíduos a crerem em tais coisas e também a buscarem meios para livrarem-se dessas catástrofes (também atribuídas às divindades) como rezas e velas bentas.

Outra credence muito comum em diversas sociedades, inclusive nas mais desenvolvidas, é a lenda do lobisomem, mas é no interior que ela ganha força e torna-se

uma ‘verdade’ que põe medo em adultos e crianças e lá não era diferente (p.33). Assim como o lobisomem, os morcegos também eram temidos. As pessoas acreditavam que estes pequenos mamíferos sugavam o sangue delas enquanto dormiam (p.45). Essa crença pode ter tido origem nos velhos filmes e histórias sobre vampiros. Tanto a lenda dos vampiros quanto dos lobisomens foram importadas, tendo origens distintas em outros continentes como América e Europa.

Nesse sentido, essas crenças diferem da lenda da Caipora, que é de origem brasileira e indígena. Essa crença também está presente no livro (p.49). Segundo a lenda, a Caipora faz com que as pessoas que estão no meio do mato se percam para que as mesmas deixem-lhe fumo como oferenda quando, só depois disso, encontram o caminho de volta.

Uma crença que tem origem nas “deduções” das pessoas (que não tem acesso ao conhecimento) é a seguinte: passar óleo de oliva em todo o corpo antes de entrar na água evita que a pessoa se afogue, pois, segundo essa idéia, o óleo criaria uma bolha de ar em volta do corpo, impedindo-o de submergir. Essa sugestão foi dada ao autor por sua mãe (p.49) e ele a pôs em prática e só não afogou-se porque alguém o salvou. Note-se que o óleo passado no corpo não é qualquer óleo, mas o azeite de oliva que, desde tempos mais remotos, é usado como óleo dotado de poderes curativos atribuídos à Deus. Sabe-se que a região em que Cristo nasceu era abastada dessas especiarias. Assim, essa crença não é baseada em visão científica ou na experimentação, mas sim na religiosidade.

Esse trabalho buscou discutir uma rica cultura de um pobre povo que está sobre esta terra sofrendo com a falta de alimento e de condições dignas para sobrevivência. Pessoas que dormem e acordam com fome, mas que sonham com uma vida melhor dada por Deus ou por qualquer um que lhes queria estender a mão. E essas pessoas estão mais perto de nós do que imaginamos. Assistimos TV e observamos aquelas pessoas que estão bem longe de nós e dizemos: “Meu Deus! Eles estão passando fome; estão passando frio; estão sofrendo. Mas, estão tão longe... queria poder fazer alguma coisa”. E esquecemos de quem está perto. Mas, será que esquecemos justamente porque estão perto?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JESUS, Valdeck Almeida de. *Memorial do inferno – a saga da família Almeida no jardim do Éden*. São Paulo: Scortecci Editora, 2005.

SKINNER, Burrhus Frederic. *O mito da liberdade*. 3ª ed. São Paulo: Summus editorial, 1971.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2000.